

## A CARACTERÍSTICA MORALIZANTE E FORMADORA DA TRAGÉDIA DE SÓFOCLES

*José Joaquim Pereira Melo*<sup>1</sup>

*Paulo Rogério de Souza*<sup>2</sup>

**RESUMO:** Neste artigo, com base em uma análise histórica do Período Clássico grego, propõe-se discutir como a força educativa da tragédia foi adotada pelos condutores da cidade-estado, tornando-a um mecanismo para a formação do povo e para a condução da estrutura democrática da *polis*. A fonte principal da análise é constituída por algumas obras de Sófocles, dentre as quais se destaca uma proposta didática para o processo de formação do cidadão. A base das peças sofoclianas eram as necessidades sociais emergentes da cidade organizada sobre os princípios da democracia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Transformação social. Sófocles. Educação.

**ABSTRACT:** In this article, based on a historical analysis of the Greek Classical period, it is proposed to discuss how the educational force of the tragedy was adopted by leaders of the city-state has a mechanism for the formation of the people and the conduction of the polis democratic structure. The main source of

---

<sup>1</sup> Pós-Doutor em História pela Unesp. Professor do Departamento de Fundamentos da Educação (DFE/UEM) e da Pós-Graduação – mestrado e doutorado em Educação (PPE/UEM) da Universidade Estadual de Maringá. Coordena o grupo de pesquisa: GPTSPE – Grupo de Pesquisa em Transformações Sociais e Pensamento Educacional (CNPq/UEM). E-mail: jjpmelo@hotmail.com - Rua José Joaquim Pereira nº 72 – CEP: 87.175-000 – Itambé-Paraná.

<sup>2</sup> Doutorando em Educação pelo Departamento de Educação da Universidade Estadual de Maringá e doutorando em Estudos Clássicos pela Universidade de Coimbra. Professor de graduação na Faculdade Metropolitana de Maringá (Famma). Integra os grupos de pesquisas: GTSEAM – Grupo Transformação Social e Educação nas Épocas Antiga e Medieval (CNPq/UEM) e o GPTSPE – Grupo de Pesquisa em Transformações Sociais e Pensamento Educacional (CNPq/UEM). E-mail: paulolucka@gmail.com - Rua Amador Bueno, nº 32, Bairro: Zona 5 – CEP: 87.015-120 – Maringá-Paraná (autor para contato).

analysis is consisted of some works of Sophocles, in which stood a didactic proposal for the formation process of the citizen. The base of the Sophoclean plays were emerging social needs of the city organized on the principles of democracy.

**KEYWORDS:** Social transformation. Sophocles. Education.

### **A transição da família gentílica para a *polis* racional**

Durante os séculos XII a IX a.C., denominado período heroico pela historiografia, em que a sociedade grega se pautava na organização familiar gentílica, o pensamento que imperava era norteado pela religião mítica, que procurava apresentar a origem do mundo e da humanidade de acordo com seus preceitos religiosos. Nessa forma de estruturação social gentílica, os seus integrantes eram submissos à crença e aos preceitos da religião doméstica, e a vida no campo prevalecia como princípio da manutenção da comunidade ou da coletividade denominada *genos*.

Já nos dois séculos subsequentes, denominados Período Arcaico, os modos de organização e condução social baseados no *genos* – cujas características eram a autoridade suprema do chefe patriarcal, a religião familiar e a desgastada forma de subsistência fundada na agricultura familiar – deixaram de corresponder às necessidades da sociedade.

As novas relações de troca, em substituição às trocas simples entre os integrantes de um mesmo *genos*, desencadearam o comércio e impulsionaram as expansões ultramarinas:

O aparecimento da cunhagem e a difusão de uma economia monetária foram acompanhados por um rápido aumento no conjunto da população e no comércio da Grécia. A onda de colonização ultramarina dos séculos VIII e VI foi a expressão mais evidente deste desenvolvimento<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> ANDERSON, Perry. A Grécia. In: PINSKY, Jaime (Org). *Modos de produção na Antigüidade*. São Paulo: Global, p. 169-186, 1982, p. 170.

Transita-se, assim, do *genos* – de caráter mítico –, para a *polis* – de orientação racional (séculos VI e V a.C). Embora essa nova estruturação social (pelo menos em princípio) não tenha rompido com a antiga ordem, a organização da *polis*, com todo o seu conteúdo original e inovador, teve um papel decisivo na sociedade grega: “[...] Chega um momento em que a cidade rejeita as atitudes tradicionais da aristocracia tendentes a exaltar o prestígio, a reforçar o poder dos indivíduos e dos *genes*, a elevá-los acima do comum”<sup>4</sup>.

O processo de transformação social trouxe consigo a exigência da participação do cidadão nos destinos da sociedade. Orientando-se por um código de “leis escritas” elaborado por ele mesmo, o cidadão revelava que ocorriam mudanças profundas na maneira de produzir, de conduzir a forma de vida e de manter as novas relações, enfim, mudanças no sentido da sua existência.

Os cidadãos começaram então a se organizar de acordo com os novos meios de produção citadinos e passaram a rejeitar as relações sociais que, até então, haviam sido conduzidas pela tradição religiosa e pelos costumes da comunidade gentilícia. A religião doméstica, com seus cultos, ritos e celebrações, deixou de ter um papel controlador e condutor na vida do homem.

O grego substituiu antigos costumes e tradições pelas novas elaborações resultantes da necessidade de impor a nova ordem social e manter as relações políticas e comerciais que a caracterizavam. A cidade-estado democrática passou a ser conduzida por cidadãos que, em sua administração, faziam uso da reflexão filosófica, do discurso e da retórica.

Como não podia ser diferente, esse processo de mudanças foi traumático para os homens de então, já que implicava contradições e conflitos também novos. De fato, as contradições sociais que emergiram no Período Clássico só foram superadas pelas gerações seguintes, pois o sentido de permanência da velha comunidade aristocrática do *genos*, tanto na forma de pensar como na de viver, não foi abandonado em curto prazo.

---

<sup>4</sup> VERNANT, Jean-Pierre. *As origens do pensamento grego*. Trad. Isis Borges. B da Fonseca. São Paulo: Edusp, 2002a, p. 68.

Assim, foi num processo lento, mas contínuo, que as características gentílicas foram sendo superadas e/ou adaptadas à nova estrutura social da cidade-estado. Exemplifica esse fato a forma pela qual os cidadãos organizaram e conduziram a religião que, no Período Clássico, perdera a importância que lhe tinha sido atribuída no *genos*.

Ao contar com a razão e a argumentação, a *polis* deu à religião traços renovados que a aproximavam da nova forma estrutural, possibilitando que suas antigas divindades e celebrações fossem empregadas na condução e legislação da cidade como um expediente recurso associativo, mantendo todos os cidadãos agrupados em uma manifestação coletiva presente em vários momentos da vida comunitária:

Não há guerra ou fundação de colônias promulgação de leis ou tratados, ajuste de matrimônios ou contrato, que não requeira a proteção de uma divindade, cuja atenção é solicitada com os atos de culto adequado e os sacrifícios necessários; não há nenhum ato de convivência entre cidadãos, desde a assembleia que não seja consagrado à divindade de quem se espera proteção e benevolência<sup>5</sup>.

Os cidadãos mantinham uma relação de aproximação com essa religião cidadina como símbolo de união entre seus pares, o que acabou por transformar seus deuses e cultos em mais uma forma de manifestação cívica revestida de um caráter político que se contrapunha à antiga manifestação religiosa de dependência e submissão presente nas comunidades aristocráticas.

Diante dessas transformações na maneira de produzir a vida, de organizar a sociedade, de conceber o papel da religião e especialmente na forma de o homem refletir sobre sua existência, criaram-se as condições para o surgimento da filosofia. Com ela, surgiu outra maneira de se enxergar e de se explicar a

---

<sup>5</sup> VEGETTI, Mario. O homem e os deuses. In. VERNANT, Jean-Pierre (org) *O homem grego*. Trad. Maria Jorge Vilar de Figueiredo. Lisboa: Editorial Presença, p. 229-253, 1994, p. 242.

existência humana em virtude das mudanças no conceito das relações sociais que não encontravam mais na religião do *genos* as respostas aos interesses do homem político e da sociedade comandada por uma nova perspectiva de administração apoiada pela democracia.

Com a consolidação da *polis*, uma nova realidade se apresentou para o homem grego. Ao deparar-se com as mudanças sociais, econômicas, políticas e intelectuais pelas quais passava a sua comunidade, esse homem mudou a maneira de enxergar o seu papel nessa nova sociedade, principalmente com o apogeu da *polis* democrática. Além disso, legisladores e administradores da *polis* promoveram e colocaram a arte a seu serviço, tentando amenizar as contradições sociais e melhor comandar a nova estrutura baseada em princípios democráticos.

Nessas manifestações, papel de destaque teve a tragédia com suas manifestações cênicas abertas a participação de todos os cidadãos: “A tragédia é a criação de arte mais característica da democracia ateniense, e em nenhuma outra forma de arte se discernem, tão direta e tão claramente como nela, os conflitos internos de sua estrutura social”<sup>6</sup>.

Como a arte dramática abordava as novas necessidades e suas implicações políticas, sua utilização foi expressiva no processo formativo do novo homem, ao passo que adquiria importância na cidade-estado. Exemplo disso é o destaque dado ao papel do coro trágico que tinha, dentro das peças, uma função fundamental no processo de formação, não só moral, mas também intelectual do cidadão, principalmente a partir do momento em que a tragédia passou a ocupar um espaço privilegiado na cidade-estado, enquanto adquiria importância social:

[...] O coro foi a alta escola na Grécia antiga, muito antes de existirem mestres que ensinassem a poesia. E a sua ação era com certeza bem mais profunda que a do ensino intelectual. Não é sem razão que a didascália coral guarda no seu nome a recordação da escola

---

<sup>6</sup> HAUSER, Arnold. *História da arte e da literatura*. Trad. Walter H. Geenen. São Paulo: Mestrejou, 1990, p. 124.

e do ensino. Pela sua solenidade e raridade, pela participação do Estado e de todos os cidadãos, pela gravidade e pelo zelo com que apresentavam e a atenção prestada durante o ano inteiro ao novo “Coro”, como se dizia, pelo número de poetas que concorriam para a obtenção do prêmio, aquelas apresentações chegaram a ser o ponto culminante da vida do Estado<sup>7</sup>.

É importante lembrar que a tragédia, ao abordar mitos, heróis e deuses, foi vinculada a uma festividade religiosa popular – as Grandes Dionísias Urbanas – patrocinada pelo poder estatal cuja principal preocupação era denunciar as contradições da aristocracia gentilícia. Essa forma de arte passou a servir aos interesses dos que estavam no comando da organização da *polis* democrática: “A tragédia é a criação de arte mais característica da democracia ateniense, e em nenhuma outra forma de arte se discernem, tão direto e tão claramente como nela, os conflitos internos de sua estrutura social”<sup>8</sup>.

Assim, os condutores das cidades-estados tornaram as festividades em honra ao deus Dionísio um pretexto para a realização das apresentações trágicas, transformando estas num evento cívico que servia aos seus interesses:

A tragédia foi absorvida pelo culto dionisíaco depois de desenvolver-se nos cultos dos mortos e dos heróis. Partindo da Beócia e passando por Atenas rumo ao Peloponeso, o culto de Dioniso tornou-se por excelência o culto da arte dramática. Em Atenas, onde Psístrato o encorajava para obter apoio popular, as representações teatrais aconteciam durante as festas de Dioniso<sup>9</sup>.

---

<sup>7</sup> JAEGER, Werner. *Paidéia: a formação do homem grego*. Trad. Arthur M. Parreira. São Paulo: Herder, 1979, p. 273.

<sup>8</sup> HAUSER, Arnold. *História da arte e da literatura*. Trad. Walter H. Geenen. São Paulo: Mestrejou, 1990, p. 124.

<sup>9</sup> ROBERT, Fernand. *A literatura grega*. São Paulo: Martins Fontes, 1987, p. 22.

Nos eventos representados, o homem grego se deparava com personagens e histórias míticas e, assim, eram colocados na ordem do dia os conflitos provocados pelas mudanças na forma de viver de todo o povo:

[...] foi de suma importância o facto de, por influência do culto aos heróis, a lenda heróica ter passado a constituir o conteúdo do drama trágico. Desta maneira, depois do seu período épico e de lírica coral, o mito entrou na sua fase trágica, e os poetas fizeram dele o suporte da problemática ético-religiosa. Com o mito heróico, a tragédia conquistou um âmbito temático que vivia no coração do povo como um trecho da sua história<sup>10</sup>.

Com isso, expressava-se, em toda a sua extensão, o conflito social gerado na transição de uma ordem social para outra. Nesta perspectiva, verifica-se uma dupla ambientação da tragédia: ao mesmo tempo em que representavam permanências da antiga ordem, os mitos e heróis serviam aos setores dominantes da cidade como instrumento de crítica à aristocracia passada e de formação do homem para a sociedade que estava se organizando.

A tragédia adquiriu, assim, relevância pedagógica e social, pois era nas encenações, na participação em uma festividade oficial da cidade-estado, que o grego acabava por demonstrar efetiva participação na vida de sua comunidade civil como um cidadão que tinha pleno respeito à coletividade. Desta forma, o teatro tornara-se o lugar onde as emoções coletivas desse povo se manifestavam com frequência. Ao mesmo tempo em que sofriam com as dores e desventuras do herói, aprendiam o comportamento desejável em sociedade para não passar pelas desditas encenadas ou até mesmo para não causar a desestruturação da ordem social.

---

<sup>10</sup> LESKY, Albin. *História da literatura grega*. Trad. Manuel Losa. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995, p. 258.

## **A utilização das tragédias sofoclianas como instrumento de formação do cidadão**

Sófocles teve um papel significativo na utilização da tragédia como instrumento de formação do grego no Período Clássico. Ele deu às suas peças uma forma didática, esboçando, por meio de suas personagens, qual homem, segundo ele, atenderia às necessidades daquela sociedade.

De caráter moralizante, as peças sofoclianas apontam para a necessidade de se cultivar virtudes elevadas, já que estas seriam fundamentais para a organização e o ordenamento social, principalmente em uma sociedade em conflito. Nesse exercício pedagógico, o autor compunha o fim trágico, destino de todos aqueles que não evitavam os vícios e tinham comportamentos inadequados à ordem pretendida:

CORO

Mas se alguém caminhar orgulhos  
nos gestos ou palavras  
a Justiça não temendo, nem dos deuses  
as moradas venerando,  
funesta, o destrua a sorte,  
pela sua infeliz sobrançeria,  
se auferir lucros contrários à justiça<sup>11</sup>.

A rigor, as peças sofoclianas retratam o universo mental, político e social de um representante dos setores dominantes da cidade-estado.

Segundo Levi, o poeta coloneu, apesar de não ter nascido numa família aristocrática, fez parte dos setores dirigentes da sociedade<sup>12</sup>. Sua família ascendeu socialmente em razão da atividade do pai, que fora fabricante de armas. A ascensão social familiar possibilitou

---

<sup>11</sup> SÓFOCLES. *Rei Édipo*. Trad. Maria do Céu Fialho. Lisboa: Edições 70, 2010, p. 111, v. 882-889.

<sup>12</sup> LEVI, Mario Atilio. *Péricles: um homem, um regime, uma cultura*, Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1991.



ao jovem Sófocles ter uma educação que era voltada para aqueles que tinham condições financeiras de arcar com seus custos. Assim, ele alcançou uma formação intelectual necessária para ocupar cargos de prestígio na administração da cidade-estado.

Portanto, Sófocles não desvinculou suas tragédias dos interesses dos homens que legislavam e administravam Atenas e, por isso, requisitavam um teatro que, para além do trágico, fosse formador do homem. Isso não pressupunha romper, mas aproveitar a influência sugestiva e emocional que as tragédias exerciam no cidadão espectador:

Na tragédia o elemento dramático mantinha-se sempre, certamente, subordinado ao elemento lírico e didático; e o poder de o coro ter sobrevivido demonstra que a tragédia não se preocupava exclusivamente com a produção do efeito dramático, mas se propunha atingir outros fins além da mera distração<sup>13</sup>.

O caráter formador da tragédia ganhou expressão no Édipo sofocliano. Em *Rei Édipo*, o tragediógrafo representou o que entendia como os comportamentos e as ações do homem ideal.

Tais comportamentos e ações deveriam se aproximar das do herói e rei em Tebas, o qual não teria em conta o interesse por prestígio ou posição de poder, mas sim a busca de soluções para as desordens sociais e o sofrimento do povo, ou seja, atuaria em favor da sociedade: “Pois é meu desejo em tudo vos ajudar. Insensível eu seria, se não apiedasse perante esta vossa atitude”<sup>14</sup>.

Mesmo investido dos poderes conferidos pela sua condição de rei tebano, não os impõe aos seus súditos, tendo em vista a submissão destes aos seus interesses e vontades particulares. Quando o sofrimento e a dor provocados pelo: “[...] deus portador do fogo”<sup>15</sup> castiga toda casa de Cadmo, levando-a ao descontrole

---

<sup>13</sup> HAUSER, Arnold. *História da arte e da literatura*. Trad. Walter H. Geenen. São Paulo: Mestrejou, 1990, p. 126.

<sup>14</sup> SÓFOCLES. *Rei Édipo*. Trad. Maria do Céu Fialho. Lisboa: Edições 70, 2010, p. 58, v. 11-14.

<sup>15</sup> Id., 2010, p. 59, v. 28.

da ordem social, ele rompe com os privilégios reais para ir em socorro ao seu povo assolado pela “[...] peste odiosa”, que “[...] vai perseguindo com violência esta cidade”<sup>16</sup>.

Assim, Édipo demonstra sua prontidão a serviço do seu povo e do bem comum da sua comunidade, o que o caracteriza como modelo não só de líder, mas de homem-cidadão que está preparado para defender a sua cidade e seus compatriotas por completa integração com estes, em qualquer situação: “Igual aos deuses não te consideramos, nem eu, nem estes jovens ao sentarmo-nos junto aos teus altares, mas como o primeiro dos homens nos revezes da existência e no trato com os deuses”<sup>17</sup>.

A ação edipiana é decisiva no sentido de libertar seu povo da desolação e da destruição. Para ele, urge encontrar uma resposta para o problema que Tebas enfrentava: descobrir o verdadeiro assassino de “Laio”, antigo rei de Tebas, e executar a pena imposta pelos deuses:

#### CREONTE

Ordenou-nos o poderoso Febo, com clareza, que expulsássemos a mancha desta terra, pois aqui neste solo ela se criou, e que a não deixássemos crescer, até ficar sem remédio [...] A pena é o exílio, ou a remissão de uma antiga morte com outra morte, pois que é esse o sangue que revolve a cidade<sup>18</sup>.

Édipo é obstinado em sua missão e assume-a sem limites. Mesmo que a resposta custe sua própria vida, ele não recua diante da busca da verdade: “Irei, então, de novo trazer à luz o caso desde a origem [...] de igual modo ireis ver em mim um justo aliado, que há-de vingar esta terra juntamente com o deus [...] Ser útil ao defunto é agir em meu próprio benefício”<sup>19</sup>.

---

<sup>16</sup> Ibid., 2010, p. 59, v. 28-29.

<sup>17</sup> Ibid., 2010, p. 59, v. 31-34.

<sup>18</sup> Ibid., 2010, p. 62-63, v. 95-98; 100-102.

<sup>19</sup> Ibid., 2010, p. 65-66, v. 132; 135-138; 141-142.

Essa personagem de Sófocles é o modelo do homem que procura superar os problemas com nobreza e sabedoria: “A tragédia de Édipo é a tragédia do homem. Não a de um homem particular, com seu caráter distinto e seus debates interiores próprios. [...] é a tragédia do homem na plena posse de todo o poder humano [...]”<sup>20</sup>.

Em seu magistério trágico, Sófocles passa a discutir esse homem ideal desde sua juventude. O jovem Édipo era um homem obstinado e pleno de vigor que procurou fugir aos desígnios divinos e conquistar seu lugar na comunidade por sua sabedoria e coragem: “[...] mas fui eu, ao chegar, Édipo, que nada conhecia, quem a reduziu ao silêncio por intuição do espírito, não pela ciência dos auspícios”<sup>21</sup>.

Apesar das virtudes que Sófocles idealiza, Édipo, o herói, ainda não tinha atingido a maturidade esperada do cidadão da *polis* democrática, pois sofria as influências das contradições próprias de um processo de transformação social, quadro esse que precisava ser superado.

A representação do conflito vivido por Édipo atinge seu ponto máximo com a queda do herói, que se dá num segundo plano. Atropelado por seu próprio comportamento, ele causa a destruturação da cidade, motivo mais que suficiente para que o herói real pague pelos próprios erros: “Levai-me para longe destes lugares, bem depressa! Levai, amigos, este homem funesto, entre todos execrando e mesmo para os deuses o mais odiado dos mortais”<sup>22</sup>.

O efeito trágico provocado pela negação e conseqüente sofrimento do herói aponta para a necessidade de uma reflexão sobre a postura social desejada pelo cidadão para que este não sofresse as penalidades que as leis da cidade, então escritas, impunham para garantir a ordem social.

---

<sup>20</sup> BONNARD, André. *A civilização grega*. Trad. José Saramago. São Paulo: Martins Fontes, 1980, p. 287.

<sup>21</sup> SÓFOCLES. *Rei Édipo*. Trad. Maria do Céu Fialho. Lisboa: Edições 70, 2010, p. 81, v. 394-398.

<sup>22</sup> Id., 2010, p. 143, v. 1340-1345.

Ao representar o conflito pessoal e a trajetória trágica enfrentada por Édipo, Sófocles não atribuiu ao seu modelo de homem a condição de um herói vencido pela dor e pelo sofrimento, submetido aos desígnios divinos e a um destino pré-determinado.

As dores e o sofrimento do herói expressam um homem com suas limitações, a ideia de que o homem ideal da cidade-estado precisa ser formado segundo a máxima filosófica “conhece-te a ti mesmo” e, com base nela, buscar as verdadeiras virtudes, as quais viabilizariam o rompimento com os preceitos da antiga religião e com a imposição de um destino do qual, até então, não se podia fugir.

Mesmo quando, em *Édipo em Colono* – peça que dá continuidade ao mito da família do rei tebano –, Sófocles mostra o velho Édipo, não o apresenta como um herói decadente, fragilizado pela cegueira e castigado pelos arrojos da juventude. Apesar de não mais dispor da força e da visão que tinha no passado, o velho Édipo encontra na sabedoria e na paciência a compensação que lhe faltava para superar seus limites e para enxergar além dos seus conflitos: “Filha de um velho privado de vista, Antígona, a que terras somos chegados? A que povo pertence esta cidade? Que me dará a magra esmola para o dia de hoje, a mim, Édipo, o vagabundo, que tão pouco pede, menos ainda recebe – e isso lhe basta, contudo!”<sup>23</sup>.

O herói de Sófocles, depois de assumir todas as obrigações que lhe cabiam, cumpre a promessa de libertar sua cidade da responsabilidade pela desordem social. A decisão pelo autoexílio deve-se ao fato de que, com isso, segundo o herói, em Tebas reaveria a harmonia e a reestruturação: “Expulsa-me desta terra bem depressa, para onde homem algum me possa dirigir a palavra”<sup>24</sup>.

Essa decisão de Édipo pode expressar um ponto importante da formação do cidadão ideal para a *polis*: a necessidade de assumir a virtude de comunidade, mesmo que isso tivesse o

---

<sup>23</sup> SÓFOCLES. *Édipo em Colono*. Trad. e Notas: Maria do Céu Fialho. Coimbra: Minerva, 1996, p. 33, v. 1-5.

<sup>24</sup> SÓFOCLES. *Rei Édipo*. Trad. Maria do Céu Fialho. Lisboa: Edições 70, 2010, p. 146, v. 1436-1437.

pressuposto de deixar de lado seus interesses particulares. Ou seja, Sófocles representa o homem “não como ele é, mas sim como ele deveria ser”, nos dizeres de Aristóteles. O velho Édipo é exemplo de como o cidadão da *polis* deveria ser. Seu comportamento consciente diante da dor e a determinação de buscar a justiça e a liberdade na escolha do futuro deveriam ser objetivos e metas do novo herói na “nova” ordem social: “A resignação ensinaram-me as minhas penas, o tempo, meu velho companheiro, e também a minha natural disposição”<sup>25</sup>.

As virtudes incorporadas por Édipo sustentam-no na dor, na mutilação e no exílio, ao mesmo tempo em que representam a forma “ideal” e o caminho para a manutenção da ordem social – caso isso fosse possível numa sociedade em conflito, como a grega do Período Clássico.

Essas virtudes, ao serem vivenciadas, poderiam levar ao equilíbrio e ao ordenamento e, por isso mesmo, deveriam fazer parte da vida do cidadão “idealizado” pela *polis* democrática, principalmente por aqueles que estavam no comando da cidade ou que participavam de suas estruturas administrativas e/ou legislativas:

O bom governo, ou a soberania, quando bem exercido em uma cidade, pólis, implica em falar e escutar, em decidir e obedecer, em ensinar e aprender. O bom governo implica não apenas no exercício do comando legal e guerreiro; implica também em escutar aqueles que se subordinam às leis da cidade e que, deste modo, mereçam ser denominados cidadãos<sup>26</sup>.

Essa mesma orientação formativa aparece em *Antígona*, de Sófocles, no episódio do embate entre a princesa Antígona, filha de Édipo, e seu tio Creonte, governante de Tebas. A luta

---

<sup>25</sup> SÓFOCLES. *Édipo em Colono*. Trad. e Notas: Maria do Céu Fialho. Coimbra: Minerva, 1996, p. 33, v. 6-8.

<sup>26</sup> NALLI, Marcos Alexandre Gomes. A tragédia com arte política: Antígona e Sófocles. *Boletim/Centro de Letras da Universidade de Londrina*: Londrina, v.1, p. 17-30, 1980, p. 28.

dessas personagens em defesa de crenças e ideais conflitantes – Antígona, uma representante da antiga aristocracia gentílica, defende as “leis divinas”, ao passo que Creonte é um servidor das leis da *polis* – põe em discussão o processo de transformação da sociedade grega.

As posições antagônicas de Antígona e Creonte trazem à luz as dores promovidas pelas transformações sociais. Estas assumem contornos mais desarticuladores com a falta de moderação no comportamento do homem. Movido por paixões e instintos violentos, ele se orienta por interesses particulares e ambições pessoais em detrimento dos interesses coletivos.

O fim trágico de Antígona, resultado da luta por ideias já envelhecidas, mostra o caráter irreversível do processo de transformação social. O sofrimento de Creonte diante do filho e da mulher mortos por causa de suas ações desmedidas também é próprio desse processo de mudanças. Ao mesmo tempo em que representam a agudização dos conflitos sociais, esses episódios levam à reflexão sobre a necessidade de moderação naquele momento de conflitos: “É a custo que faço, mas abandono o meu propósito para ceder. Não se deve combater contra o destino”<sup>27</sup>.

Vale enfatizar que o sofrimento de Creonte é provocado pela desorientação e até mesmo pela irracionalidade de suas ações diante das mudanças. As cenas referentes às dores causadas por essas mudanças revelam a necessidade de o governante adquirir uma nova consciência, não mais passional, para, assim, liderar o reordenamento social:

CREONTE

Ai!

Pecados de uma mente dementada  
fatais, obstinados!

Ó vós que vedes ser da mesma raça  
quem mata e quem morre!

---

<sup>27</sup> SÓFOCLES. *Antígona*. Trad. Maria Helena da Rocha Pereira. 10ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2012, p. 97, v. 1105-1108.

Ai das minhas malditas decisões!  
Ai, filho, com destino prematuro,  
Ai! Ai!  
Morreste, partiste,  
na juventude, por insensatez,  
não tua, mas minha!<sup>28</sup>.

No entanto, não foi apenas o homem sofredor que Sófocles representou em seu magistério trágico; ele levou à discussão também a ideia de que a dor é parte da natureza humana. Só pela superação da dor é que o homem chegaria ao equilíbrio necessário para resolver seus conflitos e se libertar das culpas próprias de sua natureza.

A superação das dores no seu cotidiano representava a superação do próprio homem diante de seus embates, conflitos e contradições.

A rigor, pode-se dizer que as concepções de homem, de formação e de sociedade presentes nas tragédias de Sófocles contribuíram para a estruturação da *polis*. No mesmo sentido, o caráter didático dessas peças foi significativo para a formação da consciência do homem grego do seu tempo. Por isso, pela importância formativa do seu teatro, o autor é considerado não apenas um poeta trágico, mas um “verdadeiro educador”.

Levando-se em consideração o direcionamento formativo que Sófocles deu à narrativa heroica em suas peças, é possível pressupor que o teatro era um dos principais instrumentos didático-pedagógicos da *polis*. Na Grécia do Período Clássico, a forma de educação estruturada e institucionalizada com base no exercício físico e nos textos homéricos, destinados à formação do homem guerreiro, não correspondia às necessidades da cidade.

No momento em que surgiram outros modelos formativos, a tragédia tornou-se um espaço privilegiado e, deixando de representar o ideal do guerreiro, voltou-se para o homem-cidadão da *polis*.

---

<sup>28</sup> Id., 2012, p. 109, v. 1261-1269.

Assim, dando continuidade à tragédia grega, Sófocles despertava no espectador uma consciência social: a necessidade de manutenção da ordem. Dessa forma, ele apontava possíveis soluções para os problemas e conflitos enfrentados pelo homem naquele momento: “[...] A concepção do poeta como educador do seu povo [...] foi familiar aos gregos desde a sua origem e manteve sempre a sua importância. Homero foi apenas o exemplo mais notável desta concepção [...]”<sup>29</sup>.

Nesse sentido, o questionamento de Bonnard é elucidativo em relação ao papel social do poeta, principalmente no Período Clássico: “[...] ‘Em que deve ser admirado um poeta? No fato de tornarmos melhores os homens nas cidades’. E os ‘melhores’ significa mais fortes, mais adaptados ao combate da vida [...]”<sup>30</sup>. De acordo com esse entendimento, a ação formativa do poeta tem uma característica diferenciadora; ele propõe um homem modelar: “[...] tais como deveriam ser”<sup>31</sup>, pleno de virtudes e de caráter elevado.

Sófocles apresenta um homem de ações, virtudes e características idealizadas que fazem dele “melhor” que o homem “real”, como é o caso da sua personagem, Édipo, glorificado como sábio e honrado, que vive em sociedade em busca do bem comum. Por meio das ações e virtudes de Édipo, ele procura mostrar que, para se atingir a condição de cidadão ideal, é necessário buscar as soluções possíveis para os problemas decorrentes das contradições sociais próprias daquele processo de transição.

Ganha destaque em suas peças o ideal grego de *sophrosyne*, de “justa-medida”. Esse era seu instrumento para despertar no espectador a consciência de como contribuir, ou pelos menos de tentar contribuir, para a superação dos conflitos pelos quais a sociedade grega estava passando: “[...] À *sophrosyne*, virtude

---

<sup>29</sup> JAEGER, Werner. *Paidéia: a formação do homem grego*. Trad. Arthur M. Parreira. São Paulo: Herder, 1979, p. 56.

<sup>30</sup> BONNARD, André. *A civilização grega*. Trad. José Saramago. São Paulo: Martins Fontes, 1980, p. 160.

<sup>31</sup> ARISTÓTELES. *Poética*. Trad. Eudoro de Souza. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2008, p. 144, XXV, 1460b.34.



do justo meio, corresponde à imagem de uma ordem política que impõe um equilíbrio a forças contrárias, que estabelecem um acordo entre elementos rivais [...]"<sup>32</sup>.

O ideal de *sophrosyne* tinha como princípios a moderação nas ações e o autocontrole no respeito às leis e no cumprimento das normas de conduta social para que a sociedade funcionasse de maneira organizada e harmônica: “Para ser feliz, bom-senso é mais que tudo”<sup>33</sup>.

Assim, o objetivo formativo da obra de Sófocles era despertar para uma reflexão a respeito das virtudes elevadas e, ao mesmo tempo, mostrar que o desvio dessa trajetória, provocado pelo orgulho ou pela insolência, poderia resultar em penalidades. A *sophrosyne*, a “justa-medida”, era, nesse caso, a condição desejada.

#### CORO

A insolência gera a tirania; a insolência  
quando embalde saciada ao exagero  
– a despropósito e sem lucro –,  
depois de ao mais alto ter subido,  
No abismo se lança da desgraça  
onde um pé seguro  
lhe não vale<sup>34</sup>.

O equilíbrio nas ações e a sensatez nas atitudes evitariam que o cidadão incorresse em erros, causando tanto o próprio mal quanto a desordem do todo social de que fazia parte: “Ele fala com sensatez, senhor, aos olhos de quem se queira precaver da queda. É que, em matéria de juízo, os mais rápidos não são os mais seguros”<sup>35</sup> (OT 616-617).

---

<sup>32</sup> VERNANT, Jean-Pierre. *Entre mito e política*. Trad. Cristina Murachco. São Paulo: Edusp, 2002b, p. 90.

<sup>33</sup> SÓFOCLES. *Antígona*. Trad. Maria Helena da Rocha Pereira. 10ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2012, p. 113, v. 1349.

<sup>34</sup> SÓFOCLES. *Rei Édipo*. Trad. Maria do Céu Fialho. Lisboa: Edições 70, 2010, p. 110-111, v. 872-875.

<sup>35</sup> Id., 2010, p. 94, v. 616-619.

Mas não se pode perder de vista que, em seu conteúdo formador, Sófocles primou pelo caráter idealizador em detrimento da concreticidade. Ele criou um modelo a ser seguido por uma sociedade em mudanças, tanto na ordem interna quanto na externa.

Ao que parece, Sófocles tinha consciência da impossibilidade da formação desse homem ideal e isso pode ser percebido em suas considerações sobre a efemeridade dos “frágeis mortais”, como é o caso do posicionamento de Édipo diante dos embates e conflitos que enfrentava ao tentar resolver as contradições sociais da sua cidade:

CORO

Ó gerações dos mortais,  
como a vossa vida ao nada  
se me iguala!  
Que homem, sem, que homem  
da ventura mais possui  
do que a aparência de a ter,  
e, uma vez tida, de cair ao acaso?  
Sim, como o tem exemplo,  
com o teu destino – o teu!...  
ó desditoso Édipo, os mortais  
em nada vejo afortunados<sup>36</sup>.

Ao representar em suas peças trágicas as contradições sociais vividas pelas suas personagens, Sófocles encena os conflitos enfrentados pelos homens da sua cidade. Isso porque ele viveu na Atenas do século V a.C., fazendo parte de seus dois momentos. Do primeiro, nas décadas iniciais desse século, quando essa cidade-estado atingiu sua ascensão cultural, bem como sua supremacia no poderio militar, na expansão econômica e na articulação política da democracia.

Já num segundo momento, vivenciou, nos seus últimos dias

---

<sup>36</sup> Ibid., 2010, p. 137, v. 1188-1196.

de vida, a decadência dessa cidade no final do século V a.C. Decadência essa provocada pelas constantes guerras externas que arrasaram as suas fontes econômicas e estruturas bélicas, e pelos conflitos internos causados pelas desigualdades sociais que desarticulavam a organização democrática da cidade-estado ateniense, que acabou assolada pela peste, pela pobreza e pelos embates políticos, sendo vencida na guerra contra os persas, que conquistaram a cidade.

### **Considerações finais**

Hoje, é possível afirmar que não restam dúvidas de que as peças de Sófocles expressaram as contradições do cidadão grego e os conflitos do seu tempo na cidade-estado. Por isso, tais peças não perderam a sua característica formadora, presente no teatro grego durante o Período Clássico.

Esse aspecto educativo da tragédia pode ser visto nas personagens heroicas sofocianas, apresentadas como exemplos sociais a serem seguidos pelos cidadãos da *polis*, na busca por superar seus conflitos e manter a ordem desta.

É o que se pode observar no caso de Édipo, que acabou dignificado, em toda sua trajetória apresentada por Sófocles, como sendo um modelo de homem virtuoso, cidadão ideal da *polis* democrática, preocupado com o bem comum de uma sociedade ideal que, em tese, deveria se formar, mesmo diante das limitações humanas e das contradições sociais decorrentes da transformação histórica.